

A Produção Jornalística De Chapecó Na Perspectiva Da Objetividade Do Jornalismo Em Contraste Com A Tragédia Da Chapecoense¹

Frascesco Flávio da Silva²

Henrique Silvani³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar um possível perfil de produção jornalística de Chapecó seguindo o conceito de objetividade jornalística pela perspectiva dos profissionais locais, contrastando com o acidente do voo da Chapecoense. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas em que os jornalistas apresentam suas percepções sobre prática profissional, formação, entendimentos sobre objetividade e subjetividade no jornalismo e analisadas por meio do estudo de caso. O trabalho apresenta levantamento teórico sobre a temática e busca discutir, principalmente, o contexto sobre o jornalista em contraste da tragédia.

PALAVRAS-CHAVE: Objetividade; jornalismo; subjetividade; Chapecoense;

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema central as práticas de produção jornalística regional contemporâneas na perspectiva do conceito clássico de objetividade jornalística. A proposta principal visa identificar e analisar as práticas de produção

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, e-mail: francesco@unochapeco.edu.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, e-mail: hrqsilvani@unochapeco.edu.br

jornalísticas contrapondo com conceitos jornalísticos junto aos profissionais que atuam em Chapecó - Santa Catarina, e registrar procedimentos e características que contribuam para a sua definição. Em um segundo momento, podemos perceber os tensionamentos entre esse modelo tradicional e as práticas da cobertura jornalística do acidente envolvendo o voo da Associação Chapecoense de Futebol, ocorrido em 29 de novembro de 2016. Esta produção científica compõe parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida em 2019 para compor a monografia de conclusão do Curso de Jornalismo da Unochapecó, a ser apresentada e defendida no final do segundo semestre.

A problemática desta pesquisa recai sobre a necessidade de perceber os processos de produção de conteúdo jornalístico aos olhos do conceito de objetividade do jornalismo. Nesta perspectiva, outros questionamentos surgem: como os profissionais de Chapecó se relacionam com estas normas? Como um dos fundamentos do jornalismo (a objetividade), o qual reúne valores e procedimentos orientados à verdade, se insere (ou não) na rotina de produção dos profissionais? Quais traços específicos regionais tensionam a produção jornalística em Chapecó? Nos instiga perceber o perfil de produção adotado pelos profissionais que atuaram na cobertura do acidente envolvendo o voo da Chapecoense, tendo em vista a urgência do fato, a necessidade de apuração, a desinformação inicial e especulações, a pressão social, a auto-pressão dos jornalistas (subjetividade) que atuaram na cobertura, o contraste com as práticas rotineiras de produção e, por fim, a relação pessoal de proximidade com as vítimas do acidente.

Outro questionamento é se o caso gerou ações e reações isoladas em meio às práticas tradicionais do jornalismo regional e como os profissionais deste espaço e tempo específicos trataram a imparcialidade e isenção na cobertura do fato.

O jornalismo vive um momento crucial em que a objetividade, por vezes, torna a produção jornalística distante e até indiferente aos fatos. Porém, em contraste, há quem defenda que é impossível fazer um relato exatamente fiel ao fato, já que o jornalista está sempre composto pelo processo comunicacional. Este debate, de origem filosófica, invade a área da comunicação e se faz presente nas redações jornalísticas e se concretiza no ato da produção do conteúdo, no momento decisivo em que o jornalista define o “o quê” e o “como”. Para dar conta dessas práticas de produção e objetividade teremos como referencial teórico e prático os conceitos de objetividade no jornalismo fundado em autores clássicos (PATRÍCIO, 2002; GUERRA, 1998; LIMA, 1960; AMARAL 1996) e também contemporâneos (CHRISTOFOLETTI, 2004).

A metodologia prevê a seleção de um recorte de profissionais do jornalismo local de Chapecó para a análise de seus processos produtivos e identificação dos elementos que possam indicar padrões de produção aos olhos da objetividade jornalística. Serão utilizados os métodos da entrevista semi-estruturada para a coleta das experiências individuais dos profissionais e um segundo método para a seleção, compreensão e análise do material coletado, a Análise de Conteúdo, que segundo Santos (2011), “[...] é uma leitura ‘profunda’, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico e objetiva a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores.”.

A OBJETIVIDADE NO CAMPO DO CONHECIMENTO

O conceito de objetividade é utilizado em diversos campos do conhecimento para denominar situações que buscam um viés objetivo, claro e sem rodeios. Em uma concepção científica o termo é definido como uma pretensão de adequar-se a um objeto sendo um saber verdadeiro, uma afirmação que não traz peculiaridades. Isso se amplia também para o campo filosófico onde por sua vez determina seu significado como a validação de determinado conhecimento ou uma representação relativa de um objeto (DEMENECK, 2009).

O dicionário Houaiss (2008) define que o termo é “uma qualidade do que dá, ou pretende dar, uma representação fiel de um objeto”. O termo é traduzido também como a atribuição e colocação de qualquer situação sem teor opinativo, ou seja, não colocar valores pessoais e emocionais em determinada coisa ou assunto. O termo busca imparcialidade, pensamento sem julgamento de valor, existência real daquilo que se concebeu (AURÉLIO, 1975).

Uma das áreas em que o termo objetividade está empregado é a jornalística e começou a ser discutido no século XIX com outros conceitos como a imparcialidade e equilíbrio e eram tratados como componentes fundamentais para dar um caráter ético e sólido ao jornalismo. O termo só começou a ser atribuído de forma relevante ao jornalismo depois da I Guerra Mundial, tanto pela imprensa da época, quanto no meio filosófico a objetividade, provoca uma discussão que persiste até os dias atuais (DEMENECK, 2009).

Foi nos Estado Unidos onde um novo tipo de jornalismo começou a ganhar forma e questionar os processos de produção de notícias interferindo nos dogmas tradicionais do campo. Isso acontecia por conta de uma ineficiência jornalística e que acabava gerando uma maior visibilidade e que deram um grande porquê para a fomentação do conceito do objetivo (TRAQUINA, 2003). Os cronistas da época desenham a objetividade como uma medida extrema, um estabelecimento de um padrão técnico que pudesse salvar o jornalismo como indústria, instituição e negócio. (CHRISTOFOLETTI, 2004, p.68).

O meio jornalístico é tido como um divisor de águas, por onde quer que esteja. Os discursos ensinados na academia e no mercado de trabalho necessitam teoricamente de profissionais com pautas objetivas, termos objetivos e reportagens objetivas. O conceito é apontado por Amaral (1996) como uma das grandes virtudes do modelo jornalístico Americano e Brasileiro. Para o autor “trata-se de uma noção presente de cada fase do processo jornalístico” (1996, pg.17). Isso decorre desde a pauta, até o tamanho e a natureza do texto que vai ocupar a produção.

A OBJETIVIDADE E SUA CATEGORIZAÇÃO

O conceito de objetividade nasce no âmbito jornalístico como o espelho da realidade, desde que sejam usados meios de objetivar o discurso do jornalista. Porém durante o tempo o uso do termo e a implementação cada vez mais recorrente do conceito no dia a dia do jornalista fez com que fossem criadas definições erradicando assim um senso comum para o termo (SOUZA, 2005).

Este conceito se identifica como uma orientação à verdade no jornalismo e indica um conjunto de abrangências em sua estrutura. Para facilitar sua compreensão pelo público agrega-se a ela procedimentos e valores que podem, em alguns momentos serem confundidos com seu conceito principal. Entre esses conceitos estão inseridos a clareza, concisão, *lead*, valores notícia. Isso fundamenta uma representação no direcionamento da argumentação do jornalista (DEMENECK, 2009).

Muitas vezes o conceito de objetividade é mal interpretado por jornalistas, mesmo não havendo sua definição clara para o campo o que realmente o termo atribuiu. A abordagem de diversos conceitos que traçam um paralelo entre o termo e suas minúcias, fazem com que existam diversos sentidos para a objetividade. Por conta disso,

Gilles Gauthier (1993) defende que o termo necessita de uma definição sem rodeios, clara. Para o autor, a presença da objetividade está mais em como ela deve ser trabalhada do que como foi aplicada no produto final. Isso implica muito mais no processo de como é feito o produto jornalístico do que o produto em si.

Os diferentes sentidos e termos dados ao significado de objetividade são muitas vezes criticados sem serem realmente entendidos, o fim do conceito resultaria no fim do próprio jornalismo (GAUTHIER, 1993). O termo é muito mais tratado na teoria do que na prática jornalística. Um de seus questionamentos é que, para preservar a objetividade é preciso desaparecer o jornalista, porém para preservar o jornalista não é necessário que a objetividade desapareça, por conta que funcione como um conjunto de práticas que trabalham como uma ocultação dos interesses do processo comunicacional (CHRISTOFOLETTI, 2004 apud RESTREPO, 2001).

A objetividade se faz como um conjunto de técnicas que trabalham para afirmar os incidentes do processo comunicacional, fazer com que leitores acreditem que o jornalista está sendo imparcial e objetivo é um modo de manter o jornalismo como um produto, principalmente para aqueles leitores que divergem da orientação editorial do veículo. A fuga da objetividade acontece por uma questão política dos veículos sendo assim um problema técnico (CHRISTOFOLETTI, 2004 apud KOSHYIAMA, 1985).

Em meio a tantas afirmações, questionamento e dúvidas a prática do jornalismo com a implementação da objetividade é dependente de vários processos, técnicas e subjetividades. Uma das saídas para se firmar um caminho para o conceito é enxergar a objetividade não como algo a se exercer e sim uma estratégia para ser planejada. “A objetividade se opera em nome da ocultação técnica dos interesses que recaem sobre a produção e difusão das notícias. Evocar a objetividade e puxar o cobertor até esconder a cabeça, para que não se enxergue o corpo ali estirado.” (CHRISTOFOLETTI, 2004 pg.89 apud KOSHYIAMA, 1985).

Porém, o termo nos dias atuais está enfraquecido, seu conceito já não é mais tão relevante nos meios jornalísticos atuais, dando assim um espaço maior para a subjetividade e para o parcial. Ainda existem diversos defensores remanescentes do conceito que se apoiam nas teses do justo e do equilibrado. Essa é uma discussão fervorosa no campo jornalístico por conta da importância que abriga o termo, por um lado autores defendem o conceito como uma verdade absoluta, por outro lado existe um contraste de entendimentos do conceito. (AMARAL, 1996)

Ainda há muito o que ser estudado e discutido por meio deste tema, por um lado conceitos filosóficos defendem que, o que é objetivo, é algo que é de acordo comum em uma comunidade ou determinado círculo social. Já em conceitos populares tanto americanos que ditam o *New Journalism* ou no modo brasileiro de se fazer jornalismo, o conceito é tido como um debate transparente e sem rodeios de se trabalhar uma notícia.

Todos os conceitos já estabelecidos por estudiosos ainda não definem de forma concreta o que “ser objetivo” significa. A abrangência de entendimentos reafirma a dificuldade que profissionais possuem em discutir sobre o assunto que acaba sendo cada vez mais profundo diante de todas as perspectivas criadas. Porém, de certa forma a prática é exercida, mas por vezes pode ser interpretada e entendida em sua colocação de formas desqualificada e de forma subjetiva.

A CONTRAPARTIDA DA OBJETIVIDADE

Em um cenário oposto ao da objetividade, a subjetividade traz um contraponto sobre os conceitos trabalhados pelo tema. Assim como a objetividade o campo de pesquisa do termo são amplos e não englobam apenas do campo jornalístico. A subjetividade tem uma grande afinidade e relação com o individualismo, personalidade e particularidade. Desde seu surgimento na Grécia, houveram diversas mudanças em sua compreensão fazendo até mesmo uma alteração nas percepções do homem sobre seus próprios sentidos (CHRISTOFOLETTI, 2004).

Uma separação entre objetividade e subjetividade para alguns autores não deve ser uma obrigatoriedade e que deve ser trabalhada no dia a dia da redação jornalística alinhando os dois conceitos que de nenhuma forma são absolutos. Os dois até podem ser situados como antônimos, mas devem servir como um complemento um para o outro. “Subjetividade é uma condição para a objetividade, uma vez que a busca da realidade sobre um determinado problema pressupõe interesse” (SPONHOLZ, 2003, pg.115).

Todo esse roteiro que parece ser um perfil de como o jornalista deve tratar a produção de uma notícia e vai em um caminho totalmente oposto das condições que vive a redação brasileira. Em meio a tantas realidades e até mesmo diferenças pessoais e de vida de cada jornalista o entendimento, apuração e produção de um fato ou de uma cobertura é inevitavelmente modificado pelas realidades do ser humano.

O jornalista “suja as mãos” toda vez que faz seu trabalho. E aproveitando a metáfora, o jornalista precisa afundar as mãos no lago para ter acesso a alguns fatos. Quando faz isso, fica mais próximo deles, mas altera a superfície calma da água, provocando pequenas marolas, turvando a sua limpidez. Mais que isso: também encharca os braços e empapa as mangas da camisa. [...] Este estado esquizofrênico que paira sobre as redações, além de desorientar os seus habitantes, mantém um rol de regras, procedimentos e rotinas que cerceiam a subjetividade nas práticas jornalísticas. (CHRISTOFOLETTI, 2004, pg.129).

Não é difícil perceber no jornalismo atual que os modelos que eram pensados como um padrão para o jornalismo comercial e de grande escala de produção não funcionam de maneira fidedigna. Essa decomposição de narrativa que havia sido instaurada pelo jornalismo no século XX vem dando espaço para um novo formato que ainda está se desenvolvendo junto ao meio profissional.

A subjetividade não se configura como um vilão para a prática jornalística, mas sim como um aliado e comprovador de um produto com traços humanos e com a identidade do jornalista que está produzindo determinado conteúdo. Diferente de debates acadêmicos que trazem a subjetividade como um vilão para as narrativas jornalísticas, a produção de conteúdo que trazem recortes com sensibilidade e sentimento só são possíveis aos olhos de um ser subjetivo.

ESTUDO DE CASO

Com base em oito jornalistas que atuaram na cobertura da tragédia que envolveu a equipe da Associação Chapecoense de Futebol, em 29 de novembro de 2016, de veículos, faixa etária, sexo e formação distintos, esta pesquisa analisou os relatos sobre a cobertura, o entendimento dos jornalistas sobre objetividade e subjetividade no jornalismo. Também se buscou identificar elementos que auxiliem a compor o (parte) perfil do profissional da região. Vale ressaltar que foram selecionados jornalistas que tiveram atuação em períodos distintos da cobertura do acidente aéreo, mas que possuíam ligação direta profissional ou pessoal com envolvidos no acidente.

Foram analisados jornalistas de áreas como: jornalismo impresso (03), televisão (04), rádio (03) e web (01). Os profissionais analisados convergem entre as áreas de

atuação tendo repetições do mesmo profissional atuando em mais de uma área/veículo de comunicação. Dos oito analisados apenas um não tem formação em jornalismo.

A partir dessa seleção dos sujeitos entrevistado começaram a ser desenvolvidas as entrevistas semi-estruturadas onde os profissionais puderam fazer uma autoanálise e dissertar sobre suas percepções. As entrevistas trouxeram perspectivas relevantes para a percepção sobre os temas abordados, as respostas se mostraram singulares complementando os questionamentos de forma involuntária.

Dos oito jornalistas dois eram do sexo feminino, outros seis do sexo masculino. Para manter o sigilo das identidades esses profissionais serão nomeados a partir do número 01 ao número 08. Dos profissionais entrevistados, no período da cobertura quatro já estavam no mercado de trabalho a mais de dez anos, dois a três anos e outros dois há menos de um.

Os temas abordados na entrevista buscavam saber as percepções e buscar uma auto-análise dos conceitos alinhados com a cobertura da tragédia. Ao todo foram realizadas 16 perguntas aos entrevistados, porém como as entrevistas resultaram entre diálogos entre o pesquisador e o entrevistado o número de questionamentos em alguns casos foi superior ou inferior. Para gerar um entendimento mais concreto das entrevistas foram selecionadas perguntas base, que complementam essas diferenças, compilando assim os dados para algo mais concreto.

Os questionamentos foram divididos em temáticas gerando a compilação dos dados para o conteúdo não se tornar extenso. Foram separados questionamentos sobre os temas: O significado de objetividade, o significado de subjetividade, cobertura da tragédia e a relação com os conceitos, comportamento do jornalista com os conceitos e o perfil do profissional da região Oeste Catarinense.

OBJETIVIDADE

A objetividade no jornalismo traz consigo vários entendimentos, principalmente entre a área prática que é formada por jornalistas, que atuam no ramo e entre a área de pesquisadores que pesquisam e analisam o tema. Não podemos afirmar que os conceitos divergem de um grupo para o outro, de alguma forma, mesmo sem um estudo aprofundado o primeiro grupo mostra entendimentos condizentes com os pesquisadores

do conceito, não deixando a entender nenhum tipo de diferenciação de um entendimento do tema de um grupo para outro.

Questionados sobre seus pontos de vista sobre a objetividade no jornalismo os entrevistados dissertam sobre alguns pontos que buscavam relação entre objetividade e a objetividade na cobertura do acidente da Chapecoense, a entrevista se deu de forma natural, mesmo havendo um roteiro pré-determinado a sequência das perguntas não seguiu totalmente a ordem, se alterando visando a necessidade de algum questionamento fora da ordem.

A respeito do primeiro questionamento: “*O que significa objetividade na sua concepção?*” os entrevistados demonstraram clareza e coesão com autores como Christofolletti (2004) e Demeneck (2009) a respeito do tema. Dos oito entrevistados, seis citaram que o jornalista deve ser claro e sucinto. Um entrevistado citou que a objetividade é a isenção de viés ideológico e outros dois entendem que a objetividade é realizar uma abordagem completa e com elementos do *lead*.

No segundo questionamento: “*Você acha que o jornalismo deve ser objetivo?*” Três entrevistados responderam que sim, o jornalismo deve ser objetivo na forma mais íntegra de seus entendimentos pessoais. Outros cinco entrevistados entendem que o jornalismo deve saber mediar questões como objetividade e subjetividade traçando contrapontos entre os conceitos. Eles ressaltam que, como o jornalismo não é inteiramente livre de emoções, não há uma forma de se abster desses fatos e trazer a informação da forma mais imparcial.

A respeito do terceiro questionamento aplicado na pesquisa, “*Quando um conteúdo jornalístico pode ser considerado essencialmente objetivo?*” os entrevistados deveriam citar quais são os formatos que mais se assemelham ou facilitam a possibilidade de se executar o conteúdo em um formato mais objetivo. Quatro dos respondentes trouxeram formatos de conteúdos onde acreditavam que deveriam conter conceitos de objetividade: notas, comunicados e jornalismo político. Quatro entrevistados entendem que a objetividade deve estar presente em todos os conteúdos jornalísticos produzidos, porém um acredita que apenas no formato coluna opinativa os conceitos podem dividir espaço com a subjetividade.

SUBJETIVIDADE

Com uma grande afinidade como individualismo e com conceitos pessoais a subjetividade pode ser tanto um contraponto para a objetividade quanto um complemento. Ela traz consigo na produção de conteúdo cargas pessoais onde os direcionamentos da informação podem ou não serem retratados em formatos diferentes. Os entrevistados nesta pesquisa também foram questionados sobre alguns preceitos do conceito trabalhando com a análise do termo.

No primeiro questionamento, “*O que significa subjetividade?*”, os oito entrevistados tiveram percepções distintas sobre o termo. Cinco acreditam que a subjetividade está ligada às percepções pessoais e nas vivências que cada jornalista já teve até aquele momento, porém de forma positiva. Um entrevistado acredita que a subjetividade tem ligação com a falta de clareza na produção de conteúdos jornalísticos e não sabia dizer se era positivo ou negativo. Já dois entrevistados veem a subjetividade no jornalismo como tendenciosa e negativa para a profissão e para a produção de conteúdos.

Na segunda questão “*Quando um conteúdo jornalístico pode ser considerado subjetivo?*” Dois entrevistados não se sentiram aptos a responder a pergunta, três acreditam que conteúdos como esporte são mais propensos e flexíveis com questões subjetivas. Um entrevistado acredita que questões sociais e ideológicas configuram a subjetividade no jornalismo em conteúdos diversos, porém de forma negativa. Um entrevistado acredita que a subjetividade deve estar inserida em todos os conteúdos jornalísticos e que isso é positivo e um entrevistado acredita que a subjetividade em qualquer conteúdo jornalístico é negativa pela carga pessoal do jornalista.

No último questionamento a respeito de subjetividade “*No seu entendimento a subjetividade pode atrapalhar a produção de um conteúdo jornalístico?*” Quatro entrevistados não sabiam dizer ao certo se utilizar ou ser subjetivo era ou não positivo. Dois acreditam que sim, a subjetividade em um conteúdo jornalístico é prejudicial e dois acreditam que não a subjetividade não interfere ou atrapalha no processo de criação de conteúdos jornalísticos.

RELAÇÃO DOS CONCEITOS COM O ACIDENTE

Buscando relacionar os conceitos anteriores sobre objetividade e subjetividade esta parte das entrevistas foi direcionada aos entendimentos e reflexões dessas teorias

contrapondo a cobertura da tragédia da Chapecoense. Esses questionamentos buscavam gerar uma reflexão dos entrevistados tendo um viés mais explanatório, de reflexão e entendimento deles próprios sobre os questionamentos que seriam trabalhados a seguir.

Após as primeiras questões como colocadas nos títulos anteriores os questionamentos foram direcionados à cobertura da tragédia envolvendo a equipe de Chapecoense de futebol e as perspectivas dos jornalistas. As perguntas feitas aos entrevistados foram: Em uma cobertura de tragédia, que tipo de influência pode atrapalhar a objetividade da cobertura jornalística? Quais conteúdos você produziu e ou participou relacionados ao acidente do voo da Chapecoense? Como você considera que deveria ser o comportamento ideal para um jornalista na cobertura de uma tragédia? Em seu entendimento pessoal, você considera que foi objetivo na cobertura da tragédia envolvendo o voo da Chapecoense?

Buscando a reflexão dos entrevistados as últimas duas perguntas traçaram um contraponto entre objetividade e a cobertura do acidente da Chapecoense: “*Em uma cobertura de tragédia, que tipo de influência pode atrapalhar a objetividade da cobertura jornalística?*”. Para quatro entrevistados a proximidade e emoção são fatores primordiais na influência da produção em uma cobertura de tragédia. Um acredita que a falta de informações é um fator que pode influenciar na produção e dois entrevistados, acreditam que “achismos” são o fator que mais atrapalha no processo.

Na segunda questão, “*Quais conteúdos você produziu e ou participou relacionados ao acidente do voo da Chapecoense?*”, os entrevistados deveriam listar conteúdos que produziram e se envolveram no período de cobertura da tragédia. Cinco jornalistas afirmaram ter feito ao vivo, dentro desse grupo um afirmou ainda que participou também da produção de reportagens. Um jornalista afirmou que produziu perfis e reportagem e outro que produziu conteúdos para a assessoria de imprensa do clube.

Questionados sobre “*Como você considera que deveria ser o comportamento ideal para um jornalista na cobertura de uma tragédia?*” as respostas foram distintas e se divergiram em verbos muito semelhantes, para facilitar o entendimento serão transcritos de forma que não percam o sentido por sinônimos próximos a fala original. Três jornalistas acreditam que o profissional deve ser frio, dentro deste grupo um acredita ainda que o jornalista deve ser isento de emoções, outro que deve ter percepção e outro que deve ser profissional. Um jornalista acredita que para uma cobertura de

tragédia o jornalista deve ser cauteloso e sensível, outro que o profissional deve ser sereno. Um jornalista acredita que para coberturas como essa deve se ter tato e calma e outro que o profissional deve ter concentração, conhecimento, responsabilidade e delicadeza na tomada de decisões.

Na última pergunta feita, com viés mais pessoal os entrevistados responderam o questionamento: “*Você considera que foi objetivo na cobertura da tragédia envolvendo o voo da Chapecoense?*” Dos oito entrevistados um respondeu que foi totalmente objetivo, quatro responderam que foram parcialmente objetivos, dois responderam que foram objetivos, um teve a resposta fora de contexto com o questionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A objetividade e subjetividade no campo jornalístico são conceitos instaurados instintivamente nas produções ou nos estudos acadêmicos trazem consigo diversos entendimentos que por vezes se fazem singulares dependendo da análise e contexto em que são trazidos. Autores como Amaral (1996) e Christofolletti (2004) apontam que a objetividade no jornalismo está presente nos processos de comunicação e produção jornalísticas mesmo sendo por vezes não reconhecida pelos profissionais.

Por conta do do modelo em que a área jornalística está vivendo atualmente, a rapidez e fluidez que as informações demandam e o modelo de negócio que o jornalismo vive visando o lucro por meio de suas editorias exigem profissionais objetivos e cada vez mais dinâmicos nas redações.

Essa dinamicidade faz com que características como apuração e aprofundamento sejam perdidos na produção de conteúdos e que por vezes essa característica é confundida com objetividade. Isso ficou claro nas entrevistas registradas com profissionais de Chapecó que atuaram na cobertura da tragédia da Chapecoense, a falta de conhecimento sobre o termo recai na perspectiva que o objetivo deve ser algo dinâmico e rápido o que para alguns autores não são suas principais características. Mesmo com alguns desencontros nas características que seriam dadas como ideais para retratar a objetividade, os profissionais chapecoenses demonstraram um grande conhecimento sobre perspectivas do campo, mesmo não usando os mesmos termos ditos científicos, eles conseguiram descrever bem o conceito mostrando um domínio principalmente teórico do termo.

Já por conta da subjetividade, o cenário fica desigual. Mais da metade dos entrevistados demonstrou desconhecimento das características entendendo muito mais o termo como algo negativo e desconfigurado do jornalismo, dando um cenário completamente diferente de autores que pesquisam a área. As perspectivas se voltam em pessoalidades e parcialidades como citado por autores como Christofolletti (2004) que aponta a subjetividade com o um complemento da prática e da produção jornalística. Esse tom negativo ficou mais presente quando alinhado às perspectivas da tragédia onde os entendimentos sobre o termo recaiam sobre sentimentos e uma possível distorção do conteúdo.

Essa perspectiva recai sobre os questionamentos dados sobre a cobertura da tragédia. Nesta pesquisa os jornalistas relataram que foram objetivos e trabalharam de forma isentas aos preceitos da subjetividade. Mesmo verificando que a maior parte trabalha com conteúdos ao vivo, que necessitam de uma contextualização que em teoria tem relação com o conceito da subjetividade segundo autores como Christofolletti (2004), porém para esses profissionais essa relação não ocorreu.

É perceptível também que os jornalistas mesmo acreditando que o advento do acidente da Chapecoense tenha sido totalmente atípico e que trazia uma carga emocional diferente para aquela cobertura, as atividades desenvolvidas nas perspectivas desses entrevistados se mostraram objetivas e dentro dos parâmetros do conceito. Porém é confuso se ter uma conclusão clara sobre a postura desses jornalistas com o contraponto da tragédia e dos conceitos.

Foi analisado também por conta de questionários o perfil desses profissionais para gerar uma diferenciação em suas características. Chama a atenção que profissionais que não tem formação em jornalismo não deixam de ter conhecimentos sobre conceitos como o da objetividade e subjetividade, demonstrando em alguns momentos uma desenvoltura igual ou até mesmo superior à profissionais formados.

Dentro desses entendimentos é possível verificar que existe uma compreensão clara dos conceitos de objetividade alinhada com pesquisadores deste campo do conhecimento, porém em contrapartida a isso, existe um desalinhamento das percepções de autores estudados nesta pesquisa com o entendimento do termo de subjetividade dos jornalistas entrevistados. Por conta disso às visões que eles discorrem sobre a cobertura do acidente aéreo da Chapecoense podem se alterar caso suas perspectivas acerca dos conceitos também mudem.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1996.

ASSIS, Francisco de (Org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó, SC: Argos, 2013.

BARBOSA, Fernanda da Cunha . **Jornalismo potencializador e as formas de narrar o outro - a alteridade brasileira no New York Times**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11960/11960_1.PDF > Último acesso em: 15 de abril de 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar: autoria e objetividade na reportagem**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. ECA, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em https://monitorando.files.wordpress.com/2007/11/tese_christofoletti.pdf. Acessado em 25/02/2017.

DAVID, Hadassa. **A Narrativa Jornalística: Objetividade Versus Subjetividade**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3323-1.pdf>> Acessado em 03/03/2017

DEMENECK, Ben-hur. **Objetividade jornalística: O debate contemporâneo do conceito**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93112> > último acesso em: 15/04/2019

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERRA, Josenildo Luiz. **A objetividade no Jornalismo**. Dissertação de Mestrado apresentada junto à Universidade Federal da Bahia. Salvador, agosto de 1998.

HERMES, Dirceu Luiz (Org.). **Mídia, educação e cultura: múltiplos olhares sobre a comunicação regional**. Chapecó: Argos, 2006.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul – Manual de Comunicação**. São Paulo: Edusp, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. **O estudo de caso como estratégia de investigação na educação**. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> .> Acessado em 05 de março de 2018

PATRÍCIO, Patrícia. **Tirando o manual do automático – do mapa objetivo ao território transubjetivo nos caminhos do Jornalismo** – dissertação de mestrado apresentada em 2002 junto à ECA-USP

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p. JÚNIOR, Álvaro Francisco de Brito; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200/186>. Acessado em: 20 de março de 2018

SANTOS, Fernanda Marsaro. **Análise de conteúdo: a visão de laurence bardin**. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acessado em: 20 de março de 2018.

YIN, R. Estudo de Caso. **Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.